



O funcionamento das noções de intertextualidade e interdiscurso na textualidade de um *meme*

The operation of interdiscursive and intertextuality notions in the textuality of a meme

El funcionamiento de las nociones de intertextualidad e interdiscurso en la textualidad de un meme

Wendell Robertt Silva Freitas¹  <https://orcid.org/0000-0003-2320-9002>
Carolina Fernandes²  <https://orcid.org/0000-0001-5395-827X>

RESUMO: O presente artigo realiza uma análise da materialidade linguística e sócio-histórica de um texto do tipo *meme*, publicado em uma página humorística do *Facebook*. Como pressuposto teórico, o artigo apoia-se na vertente materialista da Análise do Discurso (AD), através da qual podemos refletir sobre o modo como as noções de interdiscurso e intertextualidade são mobilizadas para produzir efeitos de sentidos ao *meme*. A partir da análise, buscamos compreender como a materialidade textual, constituída por significantes verbais e visuais, estabelece uma relação com a materialidade histórica da construção social do sujeito-homem, ou seja, de que maneira o *meme* estabelece uma discursividade sobre as determinações ideológicas que constituem a forma-sujeito homem. Por fim, o artigo propõe a discussão acerca do *meme* como sendo uma possível materialização de um efeito de resistência à ideologia dominante que imputa padrões de comportamentos sociais. Dessa forma, observa-se que o *meme*, através da produção do efeito humorístico, funciona discursivamente de modo a questionar a estabilidade dos sentidos para a construção do imaginário de sujeito-homem.

PALAVRAS-CHAVE: Intertextualidade visual; interdiscurso; *meme*.

ABSTRACT: The present article carries out an analysis of the effects of meaning, as well as the socio-historical materiality, of a text of the *meme* genre, posted on a humorous *Facebook* page, and that has as its thematic the different social requirements imposed on men. As a theoretical assumption, the article relies on a materialistic line of Discourse Analysis from the perspective on how the interdiscursive and intertextuality notions are mobilized to produce meanings in a *meme*.

¹ Licenciado em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). *E-mail:* wendellrsfreitas@gmail.com.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pesquisadora e Docente associada da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Tutora PET-Letras com bolsa FNDE. *E-mail:* carolinafernandes@unipampa.edu.br.

O funcionamento das noções de intertextualidade e interdiscurso na textualidade de um meme

From this analysis, we seek to understand how the textual materiality establishes a relationship with historical materiality of the social construction of the subject-man, i.e., how the meme sets a discursiveness about the ideological determinations which constitute the form-subject man. Therefore, the article discusses about the *meme* as a possible materialization of a resistance effect to/of the standards of social behavior that correspond to the discursive formations represented in it. Thus, we observe that the *meme* operates in order to question the stability of the discourses to the construction of the subject-man, as it presents a humorous vision of itself, as it creates, then, a space to reflect about other perspectives of men behavior in society.

KEYWORDS: Visual intertextuality; interdiscursive; meme.

RESUMEN: El presente artículo realiza un análisis de la materialidad lingüística y sociohistórica de un texto del tipo *meme*, publicado en una página humorística de *Facebook*. Como base teórica, el artículo se apoya en la vertiente materialista del Análisis del Discurso (AD), a través de la cual podemos reflexionar acerca de las nociones de interdiscurso e intertextualidad, movilizadas para producir efectos de sentido al *meme*. A partir del análisis, buscamos comprender cómo la materialidad textual, constituida por significantes verbales y visuales, establece una relación con la materialidad histórica de la construcción social del sujeto-hombre, es decir, de qué manera el *meme* establece una discursividad acerca de las determinaciones ideológicas que constituyen la forma-sujeto hombre. Por fin, el artículo propone la discusión acerca del *meme* como siendo una posible materialización de un efecto de resistencia a la ideología dominante que imputa patrones de comportamientos sociales. De esta forma, se observa que el *meme*, a través de la producción del efecto humorístico, funciona discursivamente de modo a cuestionar la estabilidad de los sentidos para la construcción del imaginario del sujeto-hombre.

PALABRAS CLAVE: Intertextualidad visual; interdiscurso; meme.

Introdução

O artigo tem por objetivo desenvolver, através da Análise do Discurso (AD) de vertente Materialista, uma reflexão teórica acerca do funcionamento das noções de interdiscurso e intertextualidade a partir da análise dos efeitos de sentidos materializados em um texto de linguagem mista, verbal e visual, publicado na página de humor “Me Segura”, da rede social *Facebook*. Para isso, durante a análise, levaremos em conta tanto os significantes verbais quanto não-verbais, constituintes da materialidade textual meme, observando o modo de formulação e circulação dos discursos sobre o que é ser “homem”.

Interessa-nos investigar a forma como o imaginário de sujeito-homem se constitui em uma sociedade capitalista patriarcal, realizando uma análise que considere os fatores sócio-históricos e ideológicos como constitutivos dos sentidos produzidos no meme. Para tal, se faz necessário, também, refletir sobre a concepção de texto para além da perspectiva linguística formalista, que coloca este como um material signifiante apartado da exterioridade, considerando sua natureza heterogênea e as condições de produção da materialidade signifiante. Logo, a partir da compreensão desses processos, buscamos

apontar quais as formações discursivas que constituem os sujeitos inscritos discursivamente no meme a partir de determinada posição-sujeito, e que, nesta instância, serão designados amplamente como “sujeitos-homens”.

Pressupostos teóricos

A reflexão desenvolvida neste artigo apoia-se teoricamente na Análise do Discurso, doravante AD, tal qual elaborada por Michel Pêcheux nas décadas de 60/70 e reformulada por Eni Orlandi no Brasil. Esse campo de estudos questiona a lógica formalista adotada pelos linguistas da época, principalmente os estruturalistas, que enfatizavam a dicotomia entre língua e fala, colocando a primeira como objeto de estudo, enquanto a segunda era rechaçada, junto ao sujeito e à exterioridade. A língua, que, na abordagem formalista, é considerada um sistema de signos isolado, apresenta-se, na perspectiva da AD, como um “lugar material onde se realizam os efeitos de sentido” (FUCHS; PÊCHEUX, 1997, p. 172) que são estabelecidos entre os sujeitos enunciadore. Por isso, a língua é considerada materialidade histórico-social e linguística. É relevante salientar que, o campo teórico da AD surge como uma contraposição à abordagem dicotômica, dando ênfase à relação entre língua e a exterioridade, e, a partir de tal relação, se estabelecem as bases de seu próprio objeto de estudo, o discurso:

[...] Nesse caso, a relação da língua com a exterioridade não é pensada a partir de uma vaga noção de interdisciplinaridade, mas sim como uma relação constitutiva de um objeto específico e de um campo de conhecimento que lhe corresponda e que esse objeto institui: o da análise de discurso (ORLANDI, 1998, p. 17).

Nessa perspectiva, o conceito de discurso, na AD, coloca uma nova forma de estudar e compreender a comunicação humana, tal como explorar suas ligações com o Materialismo Histórico e a Psicanálise, o que permite compreender a formação dos efeitos de sentido nos mais diversos enunciados. Como define Orlandi (1998, p. 17) com base em Pêcheux (1969), o discurso é tido como “efeito de sentido entre interlocutores”, sendo assim, não deve ser confundido com a fala ou com a língua. Além disso, entendemos que o conceito de discurso permite que a prática de análise não seja limitada às materialidades significantes verbais. Desse modo, o discurso é considerado uma prática histórico-social realizada pelo sujeito, tendo suas manifestações não-verbais como objetos de igual relevância para analista tal qual posto por Orlandi:

[...] Acreditamos que a noção de prática permite que se estenda a reflexão sobre os processos de produção de sentido sem o efeito da dominância do verbal, já que por ela não trabalhamos mais com textos mas com práticas discursivas (sejam verbais ou não) (ORLANDI, 1995a, p. 46).

Tal panorama atribui ao discurso uma natureza multiforme e plural que pode ser observada sob diferentes materialidades dentro das práticas discursivas na sociedade, diferenciando-se, assim, de uma concepção mais restrita, que limita seu objeto de estudo à linguagem verbal.

Dentro desse contexto teórico, a noção de discurso veio a romper com as tradições linguísticas formalistas acerca de como observar a língua, priorizando suas realizações pelos sujeitos enunciadore e sua relação com a exterioridade. Além disso, ao considerar o texto como a unidade de análise, sobre a qual o analista se debruça para observar os processos discursivos, percebe-se que há uma guinada dessa noção, tida como unidade mais complexa dentro dos estudos linguísticos, para suas relações com o exterior. De acordo com Orlandi:

[...] O *texto* é, para o analista de discurso, o lugar da relação com a representação física da linguagem: onde ela é som, letra, espaço, dimensão direcionada, tamanho. É o material bruto. Mas é também espaço significante. E não é das questões menos interessantes a de procurar saber como se põe um discurso em *texto* (ORLANDI, 1995b, p. 117).

Ao considerar o texto como “espaço significante”, notamos que este se constitui como um corpo material onde se realizam os efeitos de sentido, e como a autora pontua: “se põe um discurso”, isto é, os recortes do interdiscurso são arranjados de tal forma a compor uma *textualidade*. No entanto, diferente de outras abordagens textuais, como a da Linguística Textual, a textualidade não é percebida apenas com relação aos elementos internos do texto ou do contexto imediato de sua produção. Para a AD, além de um objeto de análise linguística, considerando seus elementos semânticos e sintáticos, considera-se, também, a materialidade sócio-histórica, que faz com que o texto seja a materialização do discurso, como afirma Indursky:

[...] Linguística [*sic*] Textual, ao examinar o texto, persegue uma sintaxe textual que dê conta da superfície textual em análise. Já a Análise do Discurso, ao analisar um texto, propõe-se um trabalho, cujo exame pode iniciar na materialidade textual, mas que precisa necessariamente ultrapassar os limites do texto para alcançar o próprio discurso e seus processos de significação e o próprio do discursivo, que são as relações que o texto mantém com o interdiscurso (INDURSKY, 2006, p. 30).

Destacamos, então, que, enquanto o discurso assume o papel de objeto de estudo na AD, o texto, por sua natureza material que serve de avatar ao discurso, é tomado como objetivo e análise. Assim, entendemos junto à Indursky (2011, p. 76) que “[...] qualquer materialidade que dê suporte a um discurso pode ser considerada Texto”.

Sobre a distinção entre as categorias teóricas texto e discurso, Orlandi (1995b, p. 112) afirma que “[...] a especificidade da análise de discurso está em que o objeto a propósito do qual ela produz seu *resultado* não é um objeto linguístico, mas um objeto sócio-histórico onde o linguístico intervém como pressuposto”. Com isso, afirma-se que a análise realizada em torno dos elementos verbais e não-verbais que formam uma textualidade não deve explorar tais elementos sob uma perspectiva meramente textual, mas sim discursiva, com enfoque em sua materialidade e na forma como essa última atua no processo de produção de sentido dentro de um tipo específico de textualização.

A partir do panorama apresentado, neste trabalho, buscamos compreender como os elementos verbais e não verbais do texto trazido à análise se relacionam entre si, de modo a observar as relações intertextuais e interdiscursivas dentro de sua estrutura material significativa. Para isso, é preciso conjugar língua e história para alcançar o que se chama “[...] *forma material* [...] que é a forma encarnada na história para produzir sentidos: esta forma é, portanto, linguístico-histórica” (ORLANDI, 2002b, p. 19, *grifo nosso*). E, com o atravessamento da Psicanálise na formulação do conceito de sujeito da AD, é questionada a noção do sujeito racional, consciente e empírico, dando espaço ao sujeito freudolacaniano. De acordo com Pêcheux (1995, p. 133), “[...] a relação entre *inconsciente* (no sentido freudiano) e *ideologia* (no sentido marxista)” é que fundamenta o conceito de sujeito sob a tese althusseriana do assujeitamento ideológico.

Assim, a partir do suporte desses três domínios, a saber Linguística, Materialismo Histórico e Psicanálise, a AD coloca o sujeito, até então reduzido ao papel de locutor ou receptor, sob uma nova perspectiva, conforme afirma Orlandi:

[...] o sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e o real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia (ORLANDI, 2002b, p. 20).

Logo, a tese de que o indivíduo é, inevitavelmente, interpelado pela ideologia, coloca a noção de sujeito como central no processo discursivo. Esse processo de interpelação ocorre de maneira a dissimular a natureza sócio-histórica e estrutural do discurso, dando ao

sujeito a ilusão, ou esquecimento, de que ele é a fonte primária de seu próprio dizer. Quando, de fato, suas concepções acerca do contexto social em que se insere são resultado de uma complexa formação ideológica que o torna, como compreendido pela AD, um sujeito. Nessa instância, Fuchs e Pêcheux afirmam:

[...] interpelação, ou o assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico, de tal modo que cada um seja conduzido, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar em uma ou outra das duas classes sociais antagonistas do modo de produção (ou naquela categoria, camada ou fração de classe ligada a uma delas) (FUCHS; PÊCHEUX, 1997, p. 165-166).

Como apontado anteriormente, o processo de assujeitamento é resultado de uma ilusão que proporciona ao sujeito a impressão de ser a única e exclusiva origem de seu discurso. Todo o processo sócio-histórico que constitui a formação ideológica do sujeito é apagado. A essa ilusão, Pêcheux atribui a denominação de Esquecimento número n. 1 que opera no apagamento da origem dos recortes, do interdiscurso, que constituem o texto.

Para a compreensão da sequência discursiva (SD) que será analisada mais adiante, é relevante, também, desenvolver a noção de Esquecimento número n. 2, que diz respeito ao processo de enunciação, no qual se estabelece o intradiscurso (fio do discurso ou eixo da formulação). Podemos dizer que, no ato de se produzir um enunciado, ocorre a separação entre o que o sujeito-enunciador diz e tudo aquilo que poderia ter sido dito, como afirma Fuchs e Pêcheux (1997, p. 176): “[...] A enunciação equivale, pois, a colocar fronteiras entre o que é ‘selecionado’ e tornado preciso aos poucos (através do que se constitui o ‘universo do discurso’), e o que é rejeitado”. Dessa forma, percebemos que para cada enunciado, que, na AD, configura uma materialização discursiva, há a zona do dito, que compreende os elementos verbais e não verbais articulados pelo sujeito para a produção de sentido em um dado texto, e a zona do não-dito, que compreende os elementos que não foram textualizados pelo sujeito, mas que poderiam ter sido. O Esquecimento n. 2, então, diz respeito a essa “ocultação parcial” (FUCHS; PÊCHEUX, 1997) das possibilidades presentes na zona do não-dito, fazendo o sujeito-enunciador ter a impressão de que o enunciado produzido só poderia ter sido dito daquela forma.

Ainda sobre o conceito de sujeito, convém destacar que, sob a linha de estudo da AD, sujeito não se refere ao ser humano físico ou biológico, mas ao sujeito social, e, como

já destacado anteriormente, ideológico. Determinado, assim, pelo lugar que ocupa dentro de uma estrutura de formação social³, tal como exposto por Fuchs e Pêcheux:

[...] designam lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos: assim, por exemplo, no interior da esfera da produção econômica, os lugares do "patrão" (diretor, chefe da empresa etc.), do funcionário de repartição, do contramestre, do operário, são marcados por propriedades diferenciais determináveis (FUCHS; PÊCHEUX, 1997, p. 82).

A concepção de um sujeito interpelado pela Ideologia e constituído de sentidos historicamente determinados nos faz compreender que, para analisar o discurso, é imprescindível relacionar o linguístico com a exterioridade. Entretanto, essa mesma exterioridade não deve ser analisada de maneira isolada e imediata sem que haja um recorte de natureza histórica sobre ela, pois como dito por Orlandi (2002a, p. 23): "[...] não se abandona o exterior específico, mas ele é atravessado pelo exterior constitutivo (o interdiscurso)". Tal noção de interdiscurso é definida nos estudos de Pêcheux (1995, p. 162) como um "todo complexo dominante de formações discursivas" que determinam o dizer do sujeito, indicando que "‘algo fala’ (*ça parle*) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas". Assim, podemos estabelecer a importância do interdiscurso para a análise do funcionamento discursivo de determinado texto, considerando não somente sua exterioridade imediata, mas também a materialidade histórica do exterior que o constitui.

Com base nos conceitos apresentados e tendo em vista a especificidade do texto a ser analisado, é interessante delimitar as propriedades da noção de interdiscurso, em contraste com as de intertextualidade. Pelas reflexões realizadas por Indursky (2009), notamos que o interdiscurso é um conceito voltado à dimensão linguístico-histórica do texto, já a intertextualidade, por sua vez, é uma noção referente à "superfície linguística", estando mais ligada à dimensão estrutural do texto que de sua materialidade. Essa última trata da relação entre textos através da escolha feita pelo autor de retomar textos já existentes. Percebemos, então, que, enquanto a intertextualidade diz respeito a relações que se estabelecem conscientemente na escrita do texto, o interdiscurso, por adentrar no campo

³ Na perspectiva da AD, a Formação social se refere à posição em que o sujeito é representado na sociedade, e a partir do qual são instauradas "determinadas formações ideológicas" (PRUINELLI, 2020, p.131) que possibilitam a produção de certos efeitos de sentido. Definindo assim a posição do sujeito em dado discurso.

da materialidade histórico-discursiva, que envolve o esquecimento n. 1, não representa relações transparentes ou facilmente rastreáveis, tal como aponta Indursky (2009, p. 119):

[...] o processo de intertextualidade lança o texto a uma possível origem. Já o interdiscurso remete o texto a redes discursivas anônimas, não sendo mais possível identificar com clareza, como no caso anterior, a origem do texto, pois o discurso está disperso em uma profusão de textos (no tempo e no espaço), estabelecendo relações com diferentes formações discursivas e mobilizando posições-sujeito igualmente diversas (INDURSKY, 2009, p. 119).

Dentro dessa reflexão acerca das relações constitutivas entre sujeito, discurso e exterioridade, é relevante, também, considerar as noções desenvolvidas por Jacqueline Authier-Revuz referentes às Heterogeneidades Enunciativas. Nessa perspectiva, o discurso do sujeito é considerado como tendo uma dupla relação com sua exterioridade. De um lado, temos o que Authier-Revuz chama de Heterogeneidade Mostrada, que se caracteriza como a inscrição (realizada conscientemente pelo sujeito) de um outro dizer dentro do seu dizer. Tal processo de inscrição ocorre através de marcas linguísticas localizáveis na estrutura do texto, tais como “[...] discurso direto, aspas, formas de retoque ou de glosa, discurso indireto livre, ironia” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 25) que servem ao propósito de demarcar uma voz exterior à do sujeito que enuncia, a essa voz marcada, Authier-Revuz designa de “outro” com o minúsculo, como afirma a autora:

[...] Totalmente outro é o ponto de vista linguístico da descrição das formas de heterogeneidade mostrada no discurso, através das quais se altera a unicidade aparente da *cadeia discursiva*, pois elas aí inscrevem *o outro* (segundo modalidades diferentes, com ou sem unívocas de ancoragem) (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 29, *grifos da autora*).

Notamos que, pela natureza consciente e identificável da Heterogeneidade Mostrada, bem como a forma como esta se materializa no texto, é possível aproximar essa noção trazida por Authier-Revuz à intertextualidade, que foi mencionada anteriormente, e com os procedimentos realizados no processo de esquecimento n. 2.

A outra noção trazida pela autora, e que caracteriza a indissociabilidade entre exterioridade e discurso, trata-se da Heterogeneidade Constitutiva. Essa última, em contrapartida à noção de Heterogeneidade Mostrada, possui um caráter não identificável e inconsciente, de forma que se refere ao próprio interdiscurso e ao esquecimento n. 1, conforme afirma a autora:

[...] Baseadas ao mesmo tempo na reflexão de Foucault e na de Althusser, tais análises postulam um funcionamento regulado do exterior, do interdiscurso, para dar conta da produção do discurso, maquinaria estrutural ignorada pelo sujeito que, na ilusão, se crê como fonte deste seu discurso, quando ele nada mais é do que o suporte e o seu efeito (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27).

Logo, nota-se que, na Heterogeneidade Constitutiva, há uma natureza interdiscursiva, e, conseqüentemente, “[...] não representável no discurso que constitui” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 32), e a essa natureza não identificável, a autora atribui a designação de “Outro”, com “o” maiúsculo. Temos, então, que esse Outro constitui tanto o sujeito, de maneira inconsciente, quanto seu discurso, sem que possa ser devidamente localizado neste último. Ainda é possível estabelecer uma correlação entre esse Outro e o conceito de interdiscurso trazido por Pêcheux (1995, p. 162) como o “algo fala” antes e independentemente do sujeito-enunciador.

Torna-se possível, a partir dos conceitos apresentados, estabelecer uma aproximação entre o funcionamento das noções de interdiscurso e de intertextualidade com os esquecimentos n. 1 e n. 2 e com as heterogeneidades constitutiva e mostrada respectivamente. Essas relações se sustentam tendo em vista que o esquecimento n. 2 define as zonas do dito e não-dito ao passo que a intertextualidade e a heterogeneidade mostrada tratam da retomada consciente do discurso do outro. Já o interdiscurso se associa à interpelação ideológica do sujeito, e, ao possuir uma dimensão histórico-social que o coloca na esfera do inconsciente, pode ser associado ao conceito de Outro, o que torna possível a relação com o esquecimento n. 1 que justamente diz respeito à ilusão de que o sujeito (interpelado pela ideologia) ser origem de seu dizer.

A partir dos conceitos de discurso e sujeito elaborados pela AD e da forma inconsciente e constitutiva através da qual ambos se relacionam, observamos, por fim, que a linguagem humana não se estabelece como um sistema de regras isolado da exterioridade, mas como resultado de processos sócio-históricos e constituídos de ideologia que contemplam diversas possibilidades de formulação. Assim, torna-se possível analisar mais profundamente os efeitos de sentido produzidos em textos que contemplam o verbal e o não-verbal como o que analisaremos a seguir.

Efeitos de sentido para o sujeito-homem na textualidade de um *meme*

O funcionamento das noções de intertextualidade e interdiscurso na textualidade de um meme

Ao iniciarmos a análise, é relevante destacar as especificidades do material textual *meme*. Primeiramente, notamos que, mais do que sua estrutura textual, o que caracteriza esse tipo de texto é sua velocidade e alcance de circulação no meio digital, principalmente através das redes sociais. Logo, atua como uma forma rápida de se reproduzir os mais variados efeitos de sentido, como afirmam Bortolin e Fernandes:

[...] Essas plataformas constituem o lugar em que discursos se materializam, atestando o movimento da língua na história, convocando o sujeito a se posicionar diante daquilo que lhe é dado a ver/ler. Por esse viés, podemos dizer que os memes constituem um tipo de texto que compõem a "narratividade do espaço digital" (BORTOLIN; FERNANDES, 2017, p. 82).

Com a finalidade de compreender o funcionamento das noções de interdiscurso e intertextualidade no texto em questão, observaremos de que forma a materialidade textual estabelece relação com a materialidade histórica, discursivizando determinados sujeitos. Para tal, faz-se necessário examinar os elementos verbais e não verbais que a compõem, tal como os sentidos que os constituem.

Figura 1 - SD – Texto retirado da página Me Segura



Fonte: ME SEGURA (2015).

A sequência discursiva a ser analisada (SD) consiste em uma montagem digital, *meme*, realizada com a obra visual *O Remorso de Orestes*, pintada em 1862 pelo artista

francês William-Adolphe Bouguereau. Nela, é representado o personagem Orestes, recorrente nas tragédias de Eurípedes⁴, sendo perseguido pelas Três Fúrias, entidades da mitologia grega que personificam a vingança e se encarregam de atormentar e punir mortais acusados de cometerem crimes, principalmente, assassinatos. Em sobreposição à imagem de cada uma das Fúrias, foi adicionada uma frase interrogativa, sendo elas respectivamente, da esquerda para a direita: “E AS NAMORADINHAS?”, “E A FACULDADE?” e “TA TRABALHANDO?”. Por fim, no canto inferior direito da imagem, nota-se o logotipo da página *Me Segura*, responsável pela publicação digital da montagem, que consiste na representação de um ser alienígena rindo, o que enfatiza o fato de se tratar de um ambiente virtual voltado para a produção do efeito de humor.

Ao considerarmos o *meme* sob a perspectiva da AD, o trataremos como um espaço significativo constituído de materialidade verbal e visual. Estabelecendo relação entre as duas imagens, a da obra visual e a do *meme*, podemos entender que uma relação entre “textos visuais” (FERNANDES, 2017, p. 26) se configura como uma intertextualidade, especificamente, uma *intertextualidade visual*⁵. Pelo perfil da página responsável pela publicação do meme e pelo contraste dos elementos que o constituem, percebemos que a relação de intertextualidade promove uma paráfrase discursiva (INDURSKY, 2011) com a pintura de Bouguereau. Uma vez que essa intertextualidade visual produz um efeito irônico, e conseqüentemente, cômico, para o leitor, faz deslizar os sentidos produzidos para a obra visual do século XVIII. Além disso, dentro dessa mesma materialidade textual, é possível estabelecer uma relação com a noção trazida por Authier-Revuz (1990) acerca do outro, considerando que a heterogeneidade marcada do *meme* se estabelece pela colocação dos três enunciados interrogativos que materializam, e demarcam, discursos de outros sujeitos exteriores ao texto. Logo, as formações discursivas que constituem o sujeito-enunciador do *meme* estão diretamente relacionadas ao outro inscrito no texto, o que possibilita sua produção de sentidos.

Devemos, então, analisar detalhadamente como o texto em questão produz determinados efeitos de sentido que são relacionados ao imaginário ideal de sujeito-homem.

⁴ Dramaturgo grego, que viveu entre 480 e 406 a.C. Suas obras apresentam temáticas voltadas à reflexão política e filosófica (FRAZÃO, 2020)

⁵ Ao fazer a referência à noção de *texto visual* de Fernandes (2017) preferimos tratar a intertextualidade como visual ao invés de abordar nos termos de Tânia C. Clemente de Souza o conceito de *Policromia*, definida como “o conjunto de elementos visuais possíveis de recorte – entendidos como operadores discursivos – favorece uma rede de associações de imagens, o que dá lugar à tessitura do texto não-verbal” (SOUZA, 1998, p. 9).

Afinal, com a noção de discurso sendo compreendida como “efeito de sentido entre interlocutores”, a prática de construção de sentido só se torna possível tendo em vista tanto o autor quanto o leitor do texto.

Outro aspecto relevante é que, ao considerarmos que a obra de William-Adolphe Bouguereau, por si só, não constitui um material discursivo que constrói os sentidos estabelecidos entre a *homepage* e os leitores, percebemos que o ponto fundamental para tal construção ocorrer é a inserção das três frases interrogativas acima de cada uma das Fúrias como *discursos transversos* (INDURSKY, 2011, p. 70). Ao realizar esse processo, ocorre uma aproximação parafrástica entre as três figuras gregas e as posições-sujeito que perturbam o personagem com suas indagações. Estas marcam o discurso-outro que surge “atravessando” a materialidade visual e produzindo o deslizamento de sentidos conforme suas novas condições de produção e circulação.

Desse modo, podemos afirmar que o interdiscurso se estabelece na materialização dos sentidos produzidos pelo *meme*, que, estruturado a partir de um processo intertextual produzido pelo esquecimento n.2, movimentando discursos constituintes de um processo histórico ligado ao esquecimento n. 1. Manifesta-se, assim, uma relação linguístico-histórica que se estabelece mesmo sem a consciência do autor sobre tal processo, como observado por Indursky:

[...] um texto é o resultado do entrelaçamento de diferentes fios discursivos, produzido por um sujeito ideologicamente interpelado. No interior do texto encontramos vozes anônimas provenientes de diferentes lugares – outros textos, outros discursos (INDURSKY, 2009, p. 128).

Dessa forma, o que se tem representado não é mais o personagem Orestes sendo perseguido pelas personificações da vingança, mas sim, a posição sujeito-homem que ocupa um lugar social no qual é construído pelos discursos sócio-históricos materializados pelas perguntas “e as namoradinhas?”, “e a faculdade?” e “ta trabalhando?”, determinados pela ideologia dominante. Também é relevante ressaltar que o fato de o sujeito estar sendo atormentado por esses três enunciados, sendo estes oriundos de formações discursivas estabelecidas pela presença de um outro, pressupõe, também, um discurso que é atravessado por sua exterioridade constitutiva, o interdiscurso. Esse último, por sua vez, marca a imprescindível presença do Outro que advém do campo das formações ideológicas e é responsável por produzir um imaginário ideal de sujeito-homem que satisfaça as exigências reproduzidas pelos enunciados do *meme*.

Podemos, então, interpretar a junção intertextual dos elementos verbais e não-verbais do *meme* para compreender que o sujeito-homem é retratado como sendo perseguido pelas Fúrias que, em conjunto com as três frases interrogativas, representam a pressão social estabelecida pelo discurso do Outro que determina os sentidos possíveis para a constituição do sujeito-homem. A escolha de representar o sujeito-homem através do personagem Orestes, que se encontra em fuga, induz que não é a primeira vez que ele, o sujeito enunciador, se encontra confrontado com tais enunciados. Atenta-se, também, para o detalhe de que as três frases foram digitadas com todos os caracteres em *capslock*, ato este que, na linguagem verbal informal dos bate-papos na *web*, é usado para representar um tom de voz exaltado, um grito. Dessa forma, observamos que os efeitos de sentido produzidos pela montagem estão atrelados aos discursos que impõem determinados padrões de comportamento a determinados sujeitos sociais, sendo esses sujeitos homens.

Com isso, para compreender os sentidos que se reproduzem através do texto analisado, faz-se necessário interpretar os enunciados verbais nele materializados, expondo os discursos sócio-históricos que os constituem. Todas as interrogativas presentes nas imagens representam enunciados comumente reproduzidos no meio familiar por outros sujeitos enunciativos e direcionados a um sujeito masculino que, geralmente, se encontra na transição entre a adolescência e a fase adulta. Assim, se estabelece mais uma marca da presença do outro no que diz respeito à exterioridade no processo de formações discursivas. Além disso, cada interrogação reproduz uma exigência social, impondo expectativas e comportamentos que, historicamente, são considerados como próprios de um homem adulto, e ainda, um homem bem-sucedido no sistema capitalista.

Ao se proferir a pergunta “e as namoradinhas?”, o sujeito enunciador se coloca em uma posição de julgador que reproduz o discurso materializado em diversas culturas de que o sujeito-masculino deve possuir uma vida romântica e sexualmente ativa, mesmo que de maneira precoce e irresponsável, a fim de que se reproduza a imagem do homem viril. Vale também pontuar o fato de a palavra “namoradinhas” aparecer com variação de número no plural, gênero feminino e grau diminutivo, ou seja, espera-se do jovem homem que ele tenha uma vida sexual ativa, heterossexual, com um grande número de mulheres, e que estas sejam mais jovens do que ele. E o grau diminutivo, além de produzir o sentido de menoridade, mulheres jovens, remete também à ausência de comprometimento com tais companheiras, pois “namoradinha” não produz o mesmo efeito de sentido que “namorada”, cujo vínculo é socialmente legitimado.

Podemos agora avançar para a análise dos enunciados interrogativos “e a faculdade?” e “ta trabalhando?”, sobre os quais são produzidos sentidos oriundos de uma formação ideológica que impõe ao homem o dever social de buscar especializações para se estabelecer como o provedor de uma renda familiar. Sob a ótica de tal formação, somente com uma vida profissional valorizada pelos parâmetros impostos pela sociedade capitalista-burguesa, que seria alcançada através do ingresso no ensino superior, o sujeito-homem se colocaria como bem-sucedido. Assim como, também estaria se colocando na posição-sujeito de patriarca de seu círculo familiar, deixando para seu cônjuge, sempre feminino, dentro dos critérios de uma formação discursiva heteronormativa, as tarefas domésticas e toda responsabilidade para com a prole.

Tal concepção, que coloca o sujeito à mercê de papéis e funções estabelecidos socialmente e que acabam por serem tidos como requisitos dentro de determinada formação ideológica, nesse caso: o sujeito deve trabalhar, pois é homem, é o que Pêcheux (1995, p. 159) chamará de Forma-sujeito. Para exemplificar o funcionamento de tal noção, retomamos a referência de Pêcheux (idem) à figura do “bom soldado”. O autor afirma que “‘um soldado francês não recua’, significa, portanto, ‘se você é um verdadeiro soldado francês, o que, de fato, você é, então você não pode/deve recuar’”. Com essa reflexão, é possível notar a função discursiva da ideologia em produzir, através do texto, efeitos de sentido distintos, como afirma o autor:

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma preposição, etc, não existe em “si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e preposições são produzidas (isto é, reproduzidas) (PÊCHEUX, 1995, p. 160).

A partir desse conceito, podemos compreender que a Forma-sujeito, estando intimamente ligada ao processo de interpelação ideológica, produz um impacto direto não somente no sentido que se atribui às palavras e preposições, como afirma o autor, mas na constituição de papéis sociais. Tais papéis exercem pressões em todas as esferas da formação social do sujeito, dentre elas, o papel de gênero.

Podemos perceber, então, que o texto publicado pela página *Me Segura* realiza uma abordagem humorística de discursos que perduram no contexto sócio-histórico que afeta a constituição dos sujeitos-homens, que se encontram interpelados pela ideologia dominante

na sociedade patriarcal capitalista. Tal abordagem é materializada a partir de uma intertextualidade visual que se estabelece a partir da junção dos significantes visuais e verbais, desse modo, organizando e direcionando o que, com base em uma determinada formação ideológica, produz sobre esta um efeito de tragicomédia, possivelmente interpretável pelos sujeitos a que se dirige. O que se tem, então, é uma produção contemporânea e textualizada através de uma materialidade digital que reproduz discursos estagnados na ideologia dominante. Essa ideologia constitui a subjetividade dos sujeitos-homens a partir do esquecimento n. 1 e é por eles mesmo reproduzida sob o efeito do esquecimento n. 2.

É imperativo ressaltar que tal reflexão não representa um posicionamento de negligência ou desconsideração para com pressões sociais presentes na formação de sujeitos que não tomem uma posição de sujeito-homem. Afinal, mesmo dentro de uma formação social dominada pela ideologia capitalista e patriarcal que proporciona aos homens maiores oportunidades e até privilégios não é possível, independentemente do gênero, que haja um indivíduo livre de pressões sociais, já que sua subjetividade é constituída pelas formações ideológicas dominantes.

Até então, foi destacado o efeito irônico (e até mesmo tragicômico) que esse material textual produz em seu meio de divulgação, rede social, entretanto, vale também ressaltar as possibilidades de que um efeito de resistência seja produzido por esse mesmo texto. Aliás, independente da temática principal da *homepage* responsável por sua publicação, o caráter de denúncia relativo aos padrões de comportamento social impostos também constitui um de seus efeitos de sentido. Esse efeito em questão é possibilitado tanto pelas escolhas do sujeito-autor acerca dos elementos que constituem a intertextualidade do *meme* quanto pela relação interdiscursiva que o texto materializa. Essa relação produz, na própria textualização do *meme*, o efeito sarcástico das pressões sociais sobre os sujeitos-homens, fazendo uma crítica a isso no ambiente virtual em que é compartilhado o *meme*, ainda que este seja destinado a produzir humor.

Conclusão

A análise nos mostrou que o *meme* publicado pela página *Me Segura* tem sua textualidade formulada através da intertextualidade visual e do interdiscurso mobilizado pela heterogeneidade mostrada e marcada (além da constitutiva), o que revela o funcionamento ideológico da materialidade significativa na construção do sujeito-homem. A

partir da circulação do *meme* na internet, um efeito de sentido crítico e irônico passa a circular ao lado dos discursos já estabilizados, questionando a formação ideológica dominante que determina o papel do homem na sociedade burguesa patriarcal. De tal forma, percebemos a funcionalidade do *meme* em movimentar discursos de considerável relevância social e passíveis de fomentar a resistência ao “logicamente estabilizado” (PÊCHEUX, 1990, p. 31), mesmo quando se utiliza uma abordagem mais cômica, tal como apontam Bortolin e Fernandes:

[...] Estudar os memes consiste em analisar o funcionamento desse tipo de texto que circula massivamente no espaço digital, marcado pela rapidez e efemeridade. Eles quase sempre reproduzem um discurso da ordem da realidade e passam pelas nossas *timelines*, produzindo os mais variados efeitos de sentido, em especial, o humor e a ironia. Abarca também, investigar como os sentidos são aí produzidos e circulam, colaborando para reforçar já-ditos ou provocando rupturas e/ou deslocamentos (BORTOLIN; FERNANDES, 2017, p. 86-87).

Por fim, como já mencionado, podemos reconhecer, nessa textualização, um potencial efeito de resistência, isto é, a partir da forma irônica sobre a qual o *meme* organiza e representa, em sua materialidade textual, os discursos outros recortados do interdiscurso, abre-se espaço não apenas para uma repetição desses discursos, mas também para uma possível ressignificação dos mesmos. De acordo com os apontamentos feitos por Lacerda e Di Raimo, refletimos sobre o funcionamento da ironia nesse tipo de textualização:

[...] No meme, atravessado pela ironia, notamos a insistência de um entre-lugar, que absorve um discurso na medida em que também o re-significa. Reiteramos, portanto, que o sentido acontece na relação/resistência de um texto com outros textos já-ditos ou possíveis de serem ditos (LACERDA; DI RAIMO, 2019, p. 108).

Com isso, o que se observa é que a textualização digital, utilizando de uma intertextualidade visual e movimentando (mesmo que inconscientemente) o funcionamento do interdiscurso, produz efeitos de sentidos tanto irônico quanto crítico acerca dos padrões de comportamento masculino tidos como ideais pela sociedade capitalista patriarcal e, como consequência, coloca tais padrões como suscetíveis de serem debatidos, contestados e, possivelmente, desconstruídos.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824>. Acesso em: 20 jan. 2020.

BORTOLIN, Andriele C. de; FERNANDES, Célia B. *Wecan do it!*: o funcionamento discursivo dos memes no espaço digital. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 57, p. 81-102, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/24428/15699>. Acesso em: 11 jan. 2020.

FERNANDES, Carolina. *O visível e o invisível da imagem*: uma análise discursiva da leitura e da escrita de livros de imagens. Campinas: Mercado de Letras, 2017.

FRAZÃO, Dilva. Eurípedes. *eBiografia*, 2020. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/euripides/>. Acesso em: 18 abr. 2021.

FUCHS, Catherine; PÊCHEUX, Michel. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 165-181.

INDURSKY, Freda. A escrita a Luz da análise do discurso. In: CORTINA, Arnaldo; NASSER, Sílvia Maria Gomes da Conceição (org.). *Sujeito e linguagem*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p.117-131.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

INDURSKY, Freda. O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. In: ORLANDI, Eni P.; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (org.). *Introdução às ciências da linguagem*: discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2006. p. 33-80.

LACERDA, Gustavo H.; DI RAIMO, Luciana C. F. D. Silêncio, ironia e resistência: uma análise discursiva de memes em resposta a Michel Temer via twitter. *Revista DisSol*, Pouso Alegre, v. 5, n. 10, p. 103-123, jul./dez. 2019.

ME SEGURA. [S. l.], 25 jun. 2015. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/meseguramiga/photos>. Acesso em: 17 dez. 2020.

ORLANDI, Eni P. A Análise de discurso e seus entre-meios: notas à sua história no Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 42, p. 21-40, jan./jun. 2002a.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso*: princípios & procedimentos. São Paulo: Pontes, 2002b.

ORLANDI, Eni P. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. *RUA*, Campinas, v. 1, n. 1, p. 35-47, 1995a.

ORLANDI, Eni P. O próprio da análise de discurso. *Escritos*: discurso e política, Campinas, n. 3, p. 17-19, 1998.

ORLANDI, Eni P. Texto e discurso. *Organon*, Porto Alegre, v. 9, n. 23, p. 111-118, 1995b.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso*: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990.

O funcionamento das noções de intertextualidade e interdiscurso na textualidade de um meme

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PRUINELLI, Andréia M. Formação social. *In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.). Glossário de termos do discurso: edição ampliada*. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 131-133.

SOUZA, Tania C. C. Discurso e imagem: perspectivas de análise não verbal. *Ciberlegenda*, Niterói, v. 1, p. 15-32, 1998.

Submetido em: 12/05/2021

Aceito em: 19/07/2021